

As mulheres em "As Mil e Uma Noites"

Vivências femininas contrastantes entre si povoam os contos maravilhosos da obra islâmica mais afamada no Ocidente do que no Oriente

□ Por Renato Pompeu

A primeira menção ao nome *As Mil e Uma Noites* data do século 9 d.C. e, com o correr dos séculos, hoje essa coleção talvez seja mais importante no Ocidente do que no Oriente islâmico de onde provém. Mas essa coleção de histórias parece ter surgido no Irã ainda antes, no século 8 d.C., com o nome de *Os Mil Contos* (o nome *As Mil e Uma Noites* teria sido dado um século depois). Inicialmente, porém, esse "mil" ou "mil e uma" não designavam o número certo das histórias, apenas indicavam que eram muitos os contos. Nos séculos seguintes é que foram sendo acrescentadas mais histórias.

Os pesquisadores se inclinam a pensar que a história original é de origem indiana, mas, tal como nos chegou, e já a partir do século 8 d.C., os nomes dos principais personagens — a narradora



hesitaram em fazer essas brincadeiras crônicas com um carregador de feira, o que demonstra uma grande proximidade entre camadas sociais de outros modos bastante distantes. Se a princesa acabou morta pelo marido, nada porém aconteceu com as três belas irmãs que se divertiram com o jovem carregador, além do que o simples fato de que moravam sozinhas já desmente a noção tradicional que se tem no Ocidente a respeito da vida das mulheres nos países islâmicos, embora em muitos casos essa noção de reclusão, de véu, de serrallo inacessível, da presença de eunucos, tenha sido e seja até hoje verdadeira. O que cabe notar é que, relatando a vida de Bagdá sob os grandes califas, *As Mil e Uma Noites* descrevem costumes tão livres de algumas de suas mulheres.

Relatando a vida de Bagdá sob os grandes califas, *As Mil e Uma Noites* descrevem costumes livres de algumas de suas mulheres

Mesmo assim, não via em Bagdá mulheres bem mais recatadas. Conta um jovem da cidade:

Sabem, meus amigos, que meu pai pertencia a uma das mais nobres famílias de Bagdá. Ali só lhe tinha concedido o favor de um único filho: eu próprio. Quando cresci e atingi a idade do discernimento, meu pai foi transportado ao seio da misericórdia divina. Herdei muitos bens. Assim, tive o contentamento de vestir-me com requinte e distinção, vivendo de maneira bem agradável.

Ali, não obstante, tinha implantado em meu coração a aversão pelas mulheres. Num dia em que eu andava pelas ruas de Bagdá, um bando delas atravessou meu caminho. Fugi e meti-me por uma rua adjacente. Era um beco sem saída. Sentei-me num banco, esperando a liberação da passagem para retornar a minha casa. Eu lá estava havia cerca de uma hora, quando se abriu a minha frente um portão gradeado, e ali debrocou-se uma donzela resplandecente como o sol. Era a mais bela criatura que meus olhos já tinham visto.

Assim que me avistei, a moçinha sorriu. O exército de arqueiros invisíveis que rodeavam a bela tomou-me por alvo. Arremessaram todas as suas flechas chamejantes contra meu coração. O incêndio que ali irrompeu no mesmo instante transformou em amor ardente a frieza que eu até então sentia pelas mulheres. Paralisado de emoção, deixei-me surpreender pelo crepúsculo, sentado naquele mesmo sítio, na rua. De repente, montado numa mula, apareceu o juiz da cidade. Desmontando, entrou na casa na qual eu vivia a adolescente. Concluiu que se tratava de seu pai. Voltei para casa todo aflito e desabei, febril, num colchão de sofrimento.

Recebi muitas visitas. Via-se perfeitamente que eu estava num estado de langor exímio. Mas, como ignoravam o motivo, todos cumulavam-me de perguntas inúteis. E eu recusava-me a responder. A situação prolongou-se por quase um mês, e toda a família lamentava minha sorte.

Uma velha surge dias depois na casa, que descobre a razão do sofrimento do jovem. Ele lhe fala sobre a moça. E a velha diz:

Meu filho, sei de quem você fala: essa donzela é filha do juiz de Bagdá. Vive completamente reclusa sob a zelosa vigilância dos familiares. Você a viu atrás do gradeamento da janela de seu quarto, no andar de cima. Seus pais ocupam o rés-do-chão, uma sala imensa com um pátio; ela vive só, no alto, num aposento reduzido, onde a visitam algumas vezes.

Em suma, a jovem filha do juiz, ou do cádi, vivia reclusa, na mesma cidade de Bagdá em que, como vimos, três belas irmãs promoviam livremente divertimentos eróticos com empregados. É possível que as histórias relatam vivências femininas em épocas diferentes, na mesma cidade, ou em lugares diversos. Nunca se saberá. O que se pode dizer é que as mulheres de *As Mil e Uma Noites* parecem às vezes gozar de uma liberdade que mesmo hoje pareceria atrevida nos lugares mais liberados do próprio Ocidente, enquanto outras vezes parecem viver reclusas e isoladas como se imagina que sempre foi o caso em países islâmicos. (No próximo sábado, apreciações sobre as coletâneas de poemas do Japão organizadas desde as origens de sua literatura até o século 10 d.C.)

Algumas vezes nos contos as mulheres parecem viver reclusas e isoladas como se imagina que sempre foi o caso em países islâmicos

Alguns de seus personagens, como Aladim, Ali Babá e Sindbad, o Marinheiro, se tornaram parte integrante do imaginário ocidental

Xerazade e o rei Xeriar que a escuta — são iranianos. A maioria dos nomes dos personagens secundários, entretanto, são árabes. As histórias foram retracadas pelos pesquisadores até suas origens nos folclores da Índia, Irã, Iraque, Egito, Turquia e até Grécia, sem contar que há uma menção ao rei Salomão de Israel, do século 10 a.C., como capaz de enfiar gênios em garrafas as quais ele em seguida tampava e lançava ao mar. Do ponto-de-vista da literatura islâmica, a sua tradução do iraniano para o árabe assinalou um momento em que foi admitida a prosa não-religiosa, numa língua — o árabe — em que a literatura se manifestou principalmente por meio de obras poéticas.

A versão mais difundida no Ocidente — citaremos a edição da Editora Brasiliense, traduzida por Rolando Roque da Silva — tem numerosas incongruências. Uma delas é que Xeriar é apresentado como um rei sassânida, isto é, da dinastia iraniana anterior à chegada do islamismo ao Irã, porém várias histórias narradas por Xerazade na corte sassânida se passam na verdade na Bagdá do califa Harun al Rachid, ou em outros locais já islamizados, ou seja, as histórias se passam séculos depois de ter desaparecido a corte sassânida em que são narradas.

Nada disso impede que os contos sejam um dos maiores tesouros da imaginação universal. Alguns de seus personagens, como Aladim, Ali Babá e Sindbad, o Marinheiro, se tornaram parte integrante do imaginário ocidental, apesar de seu caráter nitidamente oriental. A trama é bem conhecida: o rei Xeriar havia chegado à conclusão de que todas as mulheres são infiéis a seus maridos. Passando a odiar as mulheres, casa com uma mulher a cada noite, matando-a em seguida. A filha do vizir, Xerazade, convence o pai a casá-la com o rei, mas começa a contar uma história que interrompe num ponto intrigante no momento em que o rei pensava matá-la. O rei, curioso para ouvir a continuação da história, poupa a vida de Xerazade até a tarde seguinte. E assim se sucedem as mil e uma noites, até que o rei adquira confiança em Xerazade e ele desiste de matá-la, vivendo ambos como marido e mulher, felizes para sempre.

O modo de organizar a narrativa é de origem indiana; trata-se do mesmo esquema de história moldura que vimos na série quando foi discutida a coleção de fábulas *Panchatantra*, ou depois nos *Contos do Vampiro*, ou seja, conta-se uma história cujos personagens contam outras histórias e assim por diante.

Se no passado, desde a primeira tradução ocidental, em 1704, para o francês, *As Mil e Uma Noites* encantaram os ocidentais pelo romantismo oriental, pelo luxo de seus ambientes e pela alta filosofia de seus mençigos e outros personagens populares, hoje em dia uma coisa que chama a atenção é a grande liberdade que as mulheres buscavam ter. Logo no início, Xezamane, o irmão do rei Xeriar, procurou a sua mulher e, "quando entrou em seu quarto, encontrou-a adormecida ao lado de um dos adolescentes incumbidos do serviço da cozinha". Ele mata os dois, mas, para se consolar, sai com Xeriar e encontram no caminho uma jovem que diz ter controle sobre um gênio e lhes afirma: "Possuam-me! Façam-me gozar! Do contrário não hesitarei em acordar o gênio e ele os matará." Tudo isso leva Xeriar a concluir que todas as mulheres só querem ter o máximo de sexo com o máximo de homens que possam e é isso que o leva a mandar matar todas as noites as mulheres com que se casou à tarde.

O modo de organizar a narrativa é de origem indiana: conta-se uma história cujos personagens contam outras histórias e assim por diante

Mas muitas histórias que Xerazade passa a contar para não ser morta na verdade talvez servissem para confirmar as idéias de Xeriar a respeito da voracidade sexual das mulheres. Em uma dessas histórias, *O Carregador e as Damas*, uma bela jovem, sozinha e desacom-

panhada no mercado de Bagdá, contrata um carregador para lhe levar para casa iguarias de luxo. Na mansão em que a jovem morava, estavam também, desacompanhadas, suas duas belas irmãs.

Começa um festim regado a vinho (proibido na religião islâmica), entre as três belas irmãs e o jovem carregador. Assim prossegue a história:

A dama estavou de novo sua taça e aproximou-se das irmãs. E os quatro convivas continuaram a beber desse modo, trocando as suas taças vazias pelas cheias, até que o carregador começou a amolecer e a mudar de atitude.

Vem um momento em que se põe a dançar e a se pavonear. Depois entregou-se a canções licenciosas, recitou poemas de duplo sentido e engajou-se com as três damas num jogo de beijos e gracejos, de mordidas e esfregações, de apalpamentos galbofeiros e de carícias debochadas. Uma beijou-a, outra batia ternamente nele; esta o fazia respirar perfumes, aquela o cevava de guloseimas... Em resumo, ele tinha motivos para achar que a vida, em semelhantes condições, era no mínimo deliciosa.

Continuaram as brincadeiras até que o vinho, começando a lhes fazer girar a cabeça, levou-os às portas da exaltação. Quando a bebida alcançou seu poder supremo, como um emir que tudo decide e dá suas ordens a quantos o rodeiam, a bela porteira levantou-se de onde estava, aproximou-se da piscina e despojou-se inteiramente de suas vestes. Tudo logo mostrou-se completamente nu a os olhos dos presentes, soltou os cabelos, que lhe envolveram todo o corpo, protegendo-a dos olhares mais ousados, e gritou:

"Coragem!"

Mergulhando na piscina, desapareceu. Emergiu pouco depois, deleitando-se com o movimento da água que lhe acariciava o corpo todo. Tornou a mergulhar, gracejando, enchendo a boca de água para a horripilar nos acompanhantes. Lavou ainda o ventre, o

regro secreto aberto entre as coxas, a couro do umbigo. Depois, saindo da água, correu a sentar-se, molhada e nua, no colo do carregador. Enfim, com a mão pousada sobre a parte mais quente do próprio corpo, perguntou ao jovem:

"Ó querido amo, o que é isto?"

"É seu escritório secreto" — respondeu o carregador.

"Ó não tem vergonha de falar deste modo?" — repreendeu ela, batendo-lhe na nuca, suavemente, para castigá-lo.

"Então, é sua greta" — corrigiu-se ele.

Desta vez, foi a vez zimba que lhe aplacou um leve tapa e emitiu um grito de horror.

"Oh! Como é feita esta palavra!"

"Já sei! É seu almofariz..." — emendou o carregador.

A terceira dama martelou tão forriemente seu peito que o derrubou de costas.

"Que indecência!" — exclamou ela.

"Ah, é sua vespa" — tentou ele mais uma vez.

Mas a bela jovem nua voltou à carga, cumulado o de tapas.

"Oh, não, não!"

"Então é outra coisa: o abrigo compassivo... a cúpula aprazível... a espura do galinbo..."

"Não, não e não!"

A cada resposta do carregador, uma das donzelas empenhava-se, por seu turno, em agredê-lo, gritando:

"Não, não é assim que se chama..."

E tanto lhe bateram que ele acabou por sentir as costas alquebradas, os albos avermelhados e a nuca dolorida. Por fim, perdendo a paciência, perguntou:

"O irmãzinha, qual é, pois, o nome disto?"

"A planta aromática das pontes"

Successivamente as outras duas irmãs se vão tateando despindo e repetindo as perguntas. O que vemos aí é que, enquanto a mulher do príncipe Xezamane não hesitou em amar um auxiliar de cozinha, as três ricas damas não

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de obras em hipertexto na Internet (<http://www.pompeu.com>) e dos livros impressos recém-lançados *Globalização e Justiça Social, ensaio econômico*; 2084 — *O Admirável Mundo Neoliberal das Mulheres, ficção erótica*, e *Um Dia no Mundo, romance "globalizado" que se passa em todos os países do mundo. Pode ser localizado no endereço eletrônico rpompeu@pompeu.com ou pelo telefone 011-814.8853.*